

Antologia de Joaquim Saial



Apresentado por

Meu Lado Poético 

resumo

A revolta da estrada

A ambulância

Cinco

O pintor e a noite

Os corvos de Lisboa

O rio

Casa

O ciciar das labaredas

A revolta da estrada

A estrada estava farta de ser pisada
por camiões,
por automóveis,
por motociclos,
até pelas lagartas dos carros de combate
e pelas das couves.

Também pelas pessoas:
os soldados em treino,
os peregrinos,
os atletas das maratonas
e os de domingo.
E aquelas que apenas iam para as casas, montes e hortas
que a ladeavam.

A estrada estava mesmo farta de ser pisada.

Um dia, revoltou-se,
abriu-se,
fendeu-se,
rasgou-se,
encheu-se de fissuras e buracos,
o alcatrão saltou,
a gravilha desprendeceu-se,
a areia lançou pó nos ares.

A estrada ficou intransitável
e em cada cavidade dela
soltava-se uma gargalhada.

Do livro "Poemas para a hora de Ponta", ed. Cordel de Prata, Lisboa, 2019

A ambulância

A ambulância cortava, rápida, o negrume da auto-estrada.
Não piava, mas ia de luzes acesas, dentro e fora de si.
A auto-estrada estava deserta; a noite, sem estrelas.
E a ambulância seguia, célere, naquele quente Agosto.
Dentro dela, o condutor, dois enfermeiros e o doente,
operário caído de segundo andar em obra de prédio.
E lá seguia a ambulância, com os três homens e o doente,
preso à maca, com correias, por causa do balanço.
A traiçoeira mancha de óleo na estrada surgiu do nada,
a derrapagem foi inevitável e o carro caiu na ribanceira.
E lá continuava o doente a precisar de hospital,
e lá estavam os enfermeiros, agora mortos
e o condutor, também falecido.

Depois, foi o helicóptero a viatura.

O doente salvou-se

e, já curado,

achou que era um homem de sorte.

Os familiares e os amigos, também.

Do livro "Poemas para a hora de Ponta", ed. Cordel de Prata, Lisboa, 2019

Cinco

Eram cinco homens,
à volta da mesa redonda,
na cabina de uma traineira,
a comer peixe frito
e a beber vinho tinto.
Quando a traineira se virou,
passaram a ser cinco náufragos
e, em minutos, cinco mortos.
Lá longe, na vila da margem,
brotaram nessa hora cinco viúvas,
para além de uns quantos órfãos.
Organizou-se um funeral
e houve cinco enterros.
Na semana seguinte,
o armador colocou no jornal um anúncio:
"Empresa de Pesca de Barlavento
contrata cinco pescadores."

Do livro "Poemas para a hora de Ponta", ed. Cordel de Prata, Lisboa, 2019

O pintor e a noite

"The Night We Called It a Day",
Matt Dennis e Tom Adair, 1941

O pintor pinta paredes,
portas e janelas,
mesas e cadeiras,
ferragens
e pedraria.

É um dos melhores na sua arte
e está de bem com a vida.

Mas, quando sonha,
lamenta não conseguir pintar de branco a noite,
para dela fazer dia.

Do livro "Poemas para a hora de Ponta", ed. Cordel de Prata, Lisboa, 2019

Os corvos de Lisboa

Onde estão os corvos de Lisboa?

Onde estão os que eu via saltitar no passeio,
junto à tasca do Sr. Hipólito, na Mouraria,
onde os homens se iam embebedar à tarde,
depois de saírem do trabalho?

Onde estão os corvos que subiam os degraus da Sé
e comiam pedacinhos de pão atirados pelas beatas,
pelo coxo que pedia esmola e pelo cura?

Onde estão os corvos que eu via na margem do Tejo,
em despique com as gaivotas e os pombos?

Onde estão?

Onde estão os corvos de Lisboa?

Agora só os encontro no brasão da cidade,
em bonecos nas lojas de souvenirs
e nos postais ilustrados,
sob o som monótono do rodado dos tróleis dos turistas.

Que São Vicente os proteja e os traga de novo,
os corvos de Lisboa.

Do livro "Poemas para a hora de Ponta", ed. Cordel de Prata, Lisboa, 2019

O rio

O rio nasce estreito e curto.
Depois engrossa,
corre pelos vales,
foge pelas planícies,
escapa-se para a foz
e ali se suicida,
para o mar viver.

Do livro "Poemas para a hora de Ponta", ed. Cordel de Prata, Lisboa, 2019

Casa

A casa está vazia,
os que lá viviam emigraram.

Os móveis foram vendidos,
as roupas levadas em malas
e o resto deitado fora.

Agora não se ouve a palavra *fome*.

E está para chegar uma nova família:
duas crianças, mãe e pai.

Mas ele, que é bancário,
ainda não sabe que a agência onde trabalha vai fechar
e que dentro de um mês será despedido.

Do livro "Poemas para a hora de Ponta", ed. Cordel de Prata, Lisboa, 2019

O cicizar das labaredas

Memórias do "madeiro" de Vila Viçosa
Numa terra onde o vento sabe os nomes das casas,
há um Rossio largo como coração que se abre.
O tempo, ali, repousa poeirento e vagaroso,
entre a sombra das árvores e o eco dos sinos da matriz
? parece que a própria história se deixa tocar
pelos que caminham em passo moroso,
com olhar atento ao rumor das pedras.
Não longe, o Carrascal murmura
um som de gravilha e segredos guardados,
lembrança dos espíritos dos que partiram,
ou do riso dos rapazes que já envelheceram
e que, agora, voltam em silêncio.
E há também a Praça da República,
onde as gentes se encontram e se perdem,
onde a fonte escorre recordações das quatro bicas,
onde os homens se cruzam sem pressa,
olhando uns para os outros com a calma de quem sabe
que a vida inteira cabe num gesto breve,
num aceno, num sorriso tímido.
No Natal, o madeiro arde,
nem sempre no mesmo sítio.
Há anos em que o lume se levanta no Rossio,
espalhando-se em reflexos nas janelas,
como se a vila inteira respirasse fogo
e os homens se detivessem, imóveis,
absorvendo o calor que lhes toca a pele
e o aroma antigo da urbe que neles corre.
Noutros, é na Praça que arde,
perto das igrejas, onde o fumo se mistura às rezas
e as brasas parecem estrelas caídas no solo.
E há os anos do Carrascal,

quando o fogo se ergue no grande eirado,
o cheiro do pinho verde se cola ao frio da noite
e cada homem, quieto, observa,
como quem lê um livro ancestral
cujo epílogo ainda está por escrever.
Nenhum desses fogos é igual.
Cada um tem o seu estalido e modo de subir,
a sua cor, a sua maneira de morrer.
E os homens chegam, calados,
de mãos nos bolsos de samarras e capotes,
com os olhos bem presos ao lume
? cada chama sussurra-lhes enigmas
que só eles podem compreender.
Alguns afastam-se, vão ao café,
pedem um copo de vinho ou uma cerveja,
soltam uma frase breve, um riso tímido,
e voltam, com o rosto marcado pela luz,
guardando dentro do seu ser
o calor que queima as palavras que doeram,
os gestos falhados, os silêncios longos,
preparando o caminho para o que há-de vir.
O calor chega-lhes à pele como bênção rude,
sem sacerdote, altar ou alfaias religiosas,
mas com a força de quem acredita no renascer.
As chamas crepitam, mudam de cor,
ora vermelhas como o sangue animal,
ora douradas como promessas.
No ar, o cheiro do pinho e da esperança,
a resina remanescendo do tronco,
a cinza subindo como oração breve,
as faúlhas perdendo-se no escuro,
cada uma levando um mistério.
E quando o lume amansa
e a quente escuridão se instala,
ficam os homens e o silêncio,
todos esperando ouvir do fogo,

que a pouco e pouco se extingue,
a palavra final do ano que parte.
Depois, apenas o vento varrendo o chão,
e a certeza de que, no próximo Dezembro,
ali ou noutra lugar da vila,
o madeiro voltará a arder
e tudo recomeçará.

Publicado in "Madeiro - Fólios de Poesia VI", Município de Penamacor, Portugal, 2026